



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Editorial

ULTRAPASSAGEM

"A vida (refiro-me à vida económica) tornou-se apaixonante. A indústria reduzida a duas fábricas de serração e moagem e a duas cordoarias. O comércio estagnou, limitando-se ao estritamente necessário, ao indispensável. A utilização da navegação a vapor fez desaparecer os magníficos estaleiros navais de onde partia a graça flutuante dos lugres para as pescarias do bacalhau. E com a miséria veio o desânimo agravar onde mais a tendência natural do fangueiro.

Nada fazer no interesse colectivo deste fangueiros sempre a despertar da sua búdica contemplação, sempre que se trata de interesses pessoais. Hoje ninguém, em Fão, é capaz de tomar uma iniciativa, de realizar uma insignificância.

E o tempo passa. E do que existe cada vez vai existindo menos sem que nada de novo à levante. Falta de meios? Talvez. Mas também muito de energia, de amor colectivo, de solidariedade, de bairrismo ou o que lhe queiram chamar".

Fomos respigar este texto ao jornal "O Cávado" de 14 de Agosto de 1938. E o que foi

que nos chamou a atenção, a tal ponto que resolvemos transcrever estas lamentações para o nosso jornal?

Decerto que o prezado leitor já descobriu: foi uma certa semelhança com os dias de hoje.

O factor marítimo ou a proximidade do mar fizeram de Fão uma terra de navegadores. Basta atentar-se nos estaleiros que aqui existiam - em dada altura chegaram a ser quatro - e no número de emigrantes que iam sobretudo para o Brasil. Os fangueiros, que o mesmo é dizer, alguns fangueiros, fora de portas, nomeadamente nas terras de Santa Cruz, chegaram a atingir posições de relevo. Basta para isso recordar o nome de alguns conterrâneos que já partiram, mas que deixaram marcas: Campos Morais, Amândio Teixeira, Amorim Campos, Artur Sobral, Joaquim Mariz, José Pinheiro Borda, Avelino Carneiro e poucos mais.

Longe de Fão, estes fangueiros, porque encontraram terreno propício às suas pontencialidades, destacaram-se na vida económica e na vida social. Foram figuras de relevo.

Aqui os fangueiros não medram. Os hotéis e os bons restaurantes resultaram de iniciativas de gente de fora de portas. Faz-se uma excepção. Valdemiro Lopes Cardoso. De resto, Apúlia, Marinhas, Forjães e sobretudo Esposende, há muito que deixaram Fão a anos luz de distância. E não venham falar em favoritismo da Câmara. Os génios da terra, e só eles, é que fazem uma terra genial.

Não nos referimos apenas à vertente económica. Também a parte social, tanto no seu aspecto lúdico como cultural estão afastadas ou diminuídas.

Repare-se no Carnaval deste ano, Não vimos um entrudo, nem uma amostra de trajes, nem qualquer partida dos Bombeiros, nem nada. Em Fão os fangueiros estão abúlicos, sem vida. Depois não se lamentem que estão a ser ultrapassados.

A REFORMA ADMINISTRATIVA

Os socialistas portugueses há algum tempo a esta parte têm defendido com certa convicção, a regionalização territorial.

Parece que a ideia iria resolver todos os problemas portugueses. A ser assim bem pequenos seriam os problemas.

O anterior governo P.S.D. sempre se opôs a tal ideia alegando que isso só acarretaria despesas, criando-se lugares de chefias nessas mesmas regiões, etc.

Agora que os socialistas chegaram ao poder parece que o assunto vai mesmo para a frente.

Mas pergunto eu? O povo português sabe o que isso é ou a influência que isso terá nas suas vidas?

Parece-me que quanto a isso, a não ser uma certa elite, ninguém sabe nada, e talvez os responsáveis assim o queiram.

O povo, esse tem que aceitar tudo aquilo que os supostos iluminados entendam. Eu pertenço ao grupo dos não esclarecidos, e como tal não me posso pronunciar sobre coisas que não sei.

Mas uma coisa eu sei, tal como o P.S.D. disse. Vai haver um aumento considerável nas despesas públicas. Com a regionalização virá a reforma administrativa,

e como sempre os autarcas aparecerão a reclamar mais dinheiros para o desenvolvimento dos seus concelhos.

Só que esses dinheiros não são gastos equitativamente por todas as freguesias dos concelhos.

A parte de leão é sempre gasta nas sedes dos concelhos e as freguesias vão recebendo umas migalhas para se manterem calados. Isto passa-se em todo o país.

Se dermos um passeio pelo interior, reparamos como todas as sedes dos Concelhos se desenvolvem, enquanto as

(Continua na pág. 3)

ALBERTO FIGUEIREDO SUSPENDEU MANDATO MUNICIPAL

Na reunião do Executivo Municipal, agendada para 14 de Março, Alberto Figueiredo apresenta o seu pedido de suspensão de mandato, por seis meses.

Segundo foi possível averiguar, o seu afastamento deve ser a necessidade de se ocupar das empresas de que é Administrador, embora se julgue ter havido um desencanto com as atitudes assumidas pela classe política.

Alberto Figueiredo, considerado um dos melhores autarcas do país, deixa obra. No seu mandato Esposende recebeu forte impulso e desenvolvimento. Ficará na história de Esposende.

A partir de 14 de Março, após a deliberação tomada na reunião desta data, passa a exercer funções de presidente, o Dr. Tito Evangelista, substituto.

É provável que Alberto Figueiredo assuma o seu lugar de deputado na Assembleia da República, se não houver incompatibilidades.

A notícia do seu afastamento causou impacto, embora tenha sido divulgado, desde há tempos, a sua recusa à candidatura de 3.º mandato. Na oportunidade daremos mais pormenores sobre este assunto.

A. L. COSTA

RECORDAÇÕES DE INFÂNCIA

Era menina, comecei a sentir curiosidade por aquela casa aos seis, sete anos e daí por diante. Aquela casa era diferente de todas, no seu interior, até na sua fachada. Tinha ido com alguém de minha família tirar uma foto. Fui entrando e subindo as escadas e à medida que subia, a minha curiosidade ia ficando mais desperta. Era um contraste aquela casa!... Quando entrei na porta principal, parecia-me a entrada dum claustro. Tinha uma meia porta de ferro, pesada, e depois uma porta maciça, grossa de madeira sem qualquer enfeite. À entrada havia o piso e os degraus em pedra, mais aquelas paredes brancas, nuas, sem luz e sem adornos. Dava uma sensação de frio e mistério, mas à medida que se chegava ao 1.º andar, aquela sensação de frio ia-se dissipando, para dar lugar à luz do sol, à harmonia. Tudo muito ordenado.

Em cada recanto havia um móvel discreto, mas de boa qualidade e bom gosto que imprimia uma nota de requinte.

A sala de jantar cheia de luz natural. Que bela eu a achava em relação a minha tão modesta!... Tudo tão impecavelmente arrumado, tudo no seu lugar!

E no último piso, o estúdio de fotografia tão cheio de claridade! Entrava luz a jorros por todo o lado, que o fotógrafo sr. Pedro Viana, regulava com os cortinados estrategicamente colocados para esse efeito.

Ao fundo aquele cenário parecia-me a mim (menina sonhadora) o cenário dum teatro, onde a cada momento eu esperava ver surgir os personagens.

Recordo-me daquela parte do rés-do-chão, (onde está a boutique da d. Fina) que mais me parecia uma galeria de arte, onde o sr. Viana expunha as fotos mais belas e a sua enorme colecção de relógios.

Na parte superior daquela galeria estava o sr. Viana sentado a uma mesa de trabalho e tão absorto, que nem dava pela presença da garotada mais curiosa, que olhava espantada aquela exposição de fotos e relógios. Eu adorava espreitar lá para dentro. Aquela silêncio, só quebrado pelo som monocórdico daquelas dezenas de relógios, fascinava-me. Então, quando começavam a dar horas (que susto!...) era um autêntico festival de sininhos, onde não faltava o cuco, que saía do seu receptáculo para alegremente vir anunciar as horas.

Tudo para mim, naquele ambiente, tinha qualquer coisa de mágico e misterioso que aguçava a minha curiosidade infantil. Como eu gostava de espreitar aquela porta!

O sr. Viana era um perfeccionista. Vivia com paixão o seu gosto pela fotografia e pelos seus relógios. Dava gosto ver aquelas paredes pejadas de relógios de todos os modelos e feitios.

Mais que uma actividade, era uma paixão.

Aquela figura invulgarmente áustera, naquele silêncio profundo, só o quebrado pelo tictac dos relógios, dava-me a impressão de um mago dentro do seu castelo.

Nas traseiras de minha casa, vislumbrava-se a casa do sr. Viana do lado mais alegre. Era

da parte do quintal, onde o sol prodigamente espalhava sua luz, como querendo insuflar ânimo, alegria, vida àquela casa, cujos habitantes viviam tão tristes, tão isolados. O sr. Viana, desde que me lembro, vivia numa reclusão voluntária dentro de sua casa, tendo como único passatempo as suas fotos e seus relógios. Raramente, nos intervalos do seu trabalho, vinha apanhar um pouco de sol naquelas varandas soalheiras do lado do quintal, onde o astro-rei se despedia quando se escondia no mar.

O grande quintal cheio de árvores de fruto e a horta bem cuidada, mais o recanto ajardinado com as rosas a desabrochar, davam a única nota de alegria àquela casa misteriosa e triste. Eu olhava par as varandas, curiosa por ver aparecer aquelas figuras enigmáticas. Raramente alguém os via fora do seu castelo, quer ao sr. Viana, quer à esposa D. Deolinda. Tinham uma criada que era a única pessoa que saía à rua para o aprovisionamento dos bens de consumo daquela família. Então, da minha janela, observava as varandas para ver quando surgia algum daqueles personagens de mistério. A passarada ao fim da tarde, ia dormir naqueles árvores frondosas. Era um regalo ouvir as cotovias e os rouxinóis de madrugada e ao fim da tarde, numa sinfonia de trinados que faziam o meu enlêvo.

Só lhes conhecia um filho que foi o marido da Aurora. Já adulta, e depois de o sr. Viana falecer, vim a saber que aquele casal tinha 2 filhos, só que as pessoas da minha idade nunca os conheceram. O mais velho, segundo o que constava, quando ainda adolescente, travou-se de razões com o progenitor e ao que diziam, o pai expulsou-o de casa. Recolheu-o uma parenta e continuou os seus estudos. Chamava-se Celestino. Formou-se em advocacia. Por capricho do destino, foi exercer a sua actividade em Vale de Câmbra. Lá se casou, viveu e morreu, sem fazer as pazes com o pai. Sei que se tornou num grande industrial na área dos lacticínios e não só.

O mais surpreendente para mim foi saber que o sr. Pedro Viana, tão circunspecto, tão austero, tão solitário, tinha sido no tempo da mocidade, uma pessoa muito sociável, alegre, muito divertida e folgazã (no bom sentido da palavra).

Como a vida modifica as pessoas!... Talvez aquela separação entre ele e o filho que expulsara num momento de ira e irreflexão, fosse a causa daquela tristeza e isolamento voluntários!...

Mera conjectura!... Mas... qual será o pai ou mãe que não vive infeliz, perante a separação dum filho e de relações cortadas?

Talvez por isso, eu na minha criancice, achava os habitantes daquela casa pessoas diferentes, aprisionadas voluntariamente dentro do seu pequeno castelo.

Talvez fosse a maneira que eles acharam de viver o seu desgosto longe do contacto e dos olhares indiscretos.

Cada ser humano tem a sua maneira própria, de viver os seus conflitos, as suas mágoas.

CASA DO MINHO

NOVA SEDE DA CASA DO MINHO

Apresentamos por ordem cronológica, o historial das principais actividades desenvolvidas para a construção da futura sede, e instalação da Sede Provisória.

1. 1990 - Foi apresentado, à Câmara Municipal de Lisboa, o pedido para a cedência de um terreno para a construção da nova Sede da Casa do Minho.

2. 25 JUN 91 - O Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, dr. Jorge Sampaio, aprovou a cedência de um terreno para a Casa do Minho.

3. 25 OUT 91 - Em Assembleia da Câmara Municipal de Lisboa foi aprovada a cedência de um terreno, na Travessa do Pardal, à Ajuda.

4. 17 DEZ 93 - Foi assinada, pelas partes intervientes, a escritura da cedência do terreno em favor da Casa do Minho.

5. 13 OUT 94 - Deu entrada na Câmara Municipal de Lisboa o Projecto Geral de Arquitectura, elaborado pela TECNUBRE.

6. 09 FEV 95 - Por parte do dr. Jorge Cruz, sócio n.º 162, foi feita a doação à Casa do Minho de um apartamento, sito no 2.º andar, n.º 55 da Rua dos Anjos em Lisboa, para instalação da sua Sede Provisória.

7. 22 MAI 95 - Foi formalizada a candidatura da Casa do Minho à concessão de Fundos do PIDACC, para a construção da Nova Sede.

8. 15 SET 95 - Foi aceite a candidatura, a fundos do PIDACC, que transitou para a 2.ª fase.

9. 11 DEZN 95 - Pelo Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Dr. João Soares, foi aprovado o Projecto de Arquitectura da Nova Sede, após obtido o parecer favorável do departamento de Análise de Projectos, da CML, e do DAVZOC.

10. 13 DEZ 95 - Foi feita a escritura da doação do Apartamento na Rua dos Anjos.

11. 19 DEZ 95 - Foi assinado, entre a Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, a Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo e casa do Minho, um Protocolo de Participação para o projecto de execução da Nova Sede.

Para que tudo isto fosse possível, muitos minhotos e amigos do Minho empenharam-se profundamente de uma forma ou de outra, e deram, sem sombras de dúvida, o seu melhor contributo para a realização destes projectos. Mas, acima de tudo, acreditaram e apoiaram quem acreditava naquilo que chegou a parecer uma utopia. Mas, muito mais ainda ficou para ser feito, e, neste momento, espera-se o valioso e imprescindível contributo das Câmaras e mais entidades do nosso Minho. Sócios e não sócios, todas as pessoas que possam ajudar, serão bem vindas ao nosso Projecto.

A Casa do Minho deseja agradecer, muito especialmente, o empenho das seguintes pessoas:

Eng.º Tomás Leiria Pinto, Eng.º Oliveira Martins, Dr. Jorge Sampaio, Dr. João Soares, Dr. Manuel Monteiro, Dr. Rui de Melo, Dr. Nuno Lima de Carvalho, Eng.ª Paula Neves, D. Francisca Abreu de Lima, Dr. Pereira Reis, Dr.ª Teresa Craveiri, Dr. Francisco Sampaio, Dr. Gomes dos Santos, Dr. Albérico Fernandes e Dr. Jorge Pereira da Cruz.

Um agradecimento muito especial à Imprensa Regional que sempre divulgou os nossos projectos, notícias e eventos, com muito interesse, dignidade e carinho, protegendo sempre esta Instituição de conflitos pouco edificantes para todos os Minhotos.

A Direcção

ALUGA-SE EM FÃO

2 pavilhões industriais c/ 750 m²+200 descobertos. Chão em mosaico, paredes com azulejo +1 c/ 150 m². Ambos com escritórios, casas de banho, instalações eléctricas de grande potência. Muita luz natural. Em ruas pavimentadas. Próximos à estrada nacional. Telef. depois das 18 h: 982166

O BOM JESUS DE FÃO

Por CARLOS MARIZ

DÍZIMOS DA IGREJA DE S. PAIO DE FÃO

— Em nota à crónica anterior, referimos que 5/6 partes dos rendimentos e proventos da Igreja Matriz de Fão revertiam para o Deão da Capela Ducal de Vila Viçosa. Como já havíamos escrito no n.º 11, deste jornal (10-VIII-1993) isso era uma concessão do papa Gregório XIII, pela Bula «HODIE EMANARUNT», de 23 de Maio de 1581. O Chantre da Colegiada de Santa Maria de Barcelos tinha parte destes dízimos nos princípios do século XVIII (1). Diz Quim de Fão, em «O Novo Fangueiro» número especial de Abril de 1992, que os pescadores pagavam, de doze peixes, um ao Deão e a terça parte deste dízimo ao Chantre de Barcelos; e de cinco peixes, uma à Casa de Bragança.

Segundo declarou o Pároco de Fão, Padre Simão Gomes Varela, num processo em que se envolveu com a Irmandade do Bom Jesus, em 1742, por causa do toque dos sinos, houve divisão dos rendimentos, entre eles que tocava ao pároco, incluía a taxa pelo toque dos sinos. Diz o Pároco de Fão que fora «expoliado da dita cobrança e administração de que estava de posse e a dita minha Igreja que como suposta advieram das partilhas e Benefícios Paroquiais que me não podia o Ilustíssimo Prelado defunto privar...».

Pela escritura de arrendamento da cobrança dos dízimos (que me foi cedida gentilmente pelo bom amigo senhor José Felgueiras), lavrada a 24 de Junho de 1703, no Couto de Apúlia, parece que o Deão recebia algo mais de dízimos além do peixe.

Era então Deão da Capela Real de Vila Viçosa André de Melo e Castro, que passou procuração a favor do licenciado Francisco Brandão Pereira, da cidade de Braga, da qual consta «...para que por mim e em meu nome possa arrendar a renda do meu benefício de Deão da Capela Real de Vila Viçosa, que contém certos dízimos de peixe no lugar de Fão assim como lhe pertencer e para fazer o dito arrendamento com as condições que lhe parecer dou todos os poderes...». Estava datada de 22 de Março de 1697 e foi feita no Tabelião Luís Correia de Almeida, da cidade de Lisboa.

Na escritura feita com Manoel Gomes, de Fão, consta o arrendamento da «renda pertencente ao dito senhor Deão da Capela Real de Vila Viçosa da dita Igreja de S. Paio de Fão de todos os dízimos e prémias e mais frutos e pensões que é costume pagar em cada herdade e que tudo lhe arrendava pelo prazo de dois anos, que começam a correr neste dito dia de S. João Baptista de setecentos e três e hão de acabar em véspera de outro tal dia do ano de mil setecentos e cinco em preço e quantia de trezentos e sessenta mil reis em dinheiro de contado em cada ano livres de isentos de todos e quaisquer encargos que a dita renda tenha e possa ter e pagos em Lisboa em três terças ao dito Deão a saber pelas festas do natal uma terça, outra pela páscoa e a outra pelo s. João de cada um dos ditos anos, tudo à custa do referido rendeiro...». Na parte final «...se declarou mais este dito Rendeiro que ele se obrigava mais a retalhar e zelar a Capela-maior da dita Igreja, cale-ala por fora e por dentro na forma que se mandou pelo capítulo de visita neste presente ano».

Os dízimos e prémias haviam sido fixados na Constituição Diocesana decretada pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa, que tomou posse da diocese de Braga em 1505 (1).

Eram os seguintes (para toda a diocese):

Físico, cirurgião e boticário — 70 reais cada um.

Estalajadeiro — 40 reais cada um.

Fornos de pão cádimos (fornos públicos) — 40 reais cada um.

Fornos de telhas — 3 moios.

Fornos de cal — o valor de 3 moios.

Almocreve — 20 reais.

GADOS — de 10 cabeças uma, onde as houver para dizimar. De cinco havia o abade metade de uma (animal, bezerro, báculo, anho, patos, galinhas, frangos e outras aves domésticas e também mulatos, poldros, burros, dos quais se pagaria dízimo passado dois anos de nascerem, pois desde então se poderiam manter sem suas mães e antes se não poderiam vender.

Dízimos dos enxames, do mel e de toda a cera dos cortiços.

Dízimos de queijos, lãs, leite que tomassem às vacas para si.

Dízimo das hortaliças ou chousa (2), a erva tapada e guardada, de 10 feixes um ou de 10 partes desses campos, nabais e alçáceres e ervas uma assinadas dos fregueses por estacas ou balizas.

Décima das castanhas e todas as frutas temporais e serôdias.

Das madeiras que fossem para vender a décima do valor do tabuado, tirada a despesa da serragem.

Em dízimos seriam pagos da quantia total da produção da terra, de todos os frutos, ficando o lavrador com nove para si, não podendo abater ao total da produção as sementes, pensões, foros e prestações nem as despesas que tenham feito com a cultura ou que hajam que fazer com os frutos produzidos «porque Deus a quem se pagam é o primeiro senhor de tudo, e a quem em primeiro lugar, e sem abatimento algum se deverá satisfazer o que é devido».

«Os dízimos, depois de pagos os priores (3) e oficiais dos celeiros deviam ser repartidos em primeiro lugar aos párocos e seus coadjutores, em segundo lugar à fábrica (4), em terceiro lugar aos pobres ou aos que em lugar destes tivessem justo título».

Os dízimos foram abolidos por decreto de 20-12-1834, que fixou o pagamento de cóngruas pelo Tesouro Público.

O decreto de 19-9-1836 determinou que as Juntas de Paróquia arbitrassem imediatamente aos respectivos párocos cóngruas decente e razoável, conforme o trabalho da freguesia e posse dos fregueses, atendendo à cóngrua arbitrada pela carta de lei de 20-12-1834, aos rendimentos dos passais e outros quaisquer bens, pé-de-altar ou benesses que os párocos recebessem por lei, uso e costume em géneros ou em dinheiro.

A lei de 5-3-1858 fixou normas idênticas e as condições em que as paróquias podiam ter coadjutor (5). A cóngrua ficava isenta da décima e não podia ser inferior a cem mil reis nem exceder, fora de Lisboa e Porto, quatrocentos mil reis e para os coadjutores não podia ser superior a um terço nem inferior a um sexto da cóngrua do respectivo pároco.

A Junta de Paróquia de Fão fixou a cóngrua, em 1836, no valor de 86\$000 (oitenta e seis mil reis), a que acresciam 68.880 reis, de pé-de-altar (6), pensões e permissões que se costumavam pagar, como já referi em pormenor neste jornal com o n.º 111, de 10-8-1993.

NOTAS: (1) História da Igreja em Portugal, de Fortunato de Almeida; (2) Pequena herdade com mata vedada por muros; (3) Antigo cobrador de rendas eclesiásticas; (4) Comissão fabriqueira; (5) Fão tinha coadjutor; (6) Rendimentos que os párocos tiram dos casamentos, baptizados e enterros; (7) Há nova Constituição do Arcebispo de Braga, de 14-1-1736.

FELICIDADE

*Bati, bati à porta da alvorada
À procura do luminoso dia,
Pois tinha de fazer a caminhada
Para encontrar a casa da Alegria.*

*Havia no horizonte uma sangria
Nas densas nuvens, sobre a minha estrada,
e gritos em lugar da cantoria
Dos pássaros, orfeus da madrugada.*

*Mas não desanimei; é meu segredo,
Achar no coração essa coragem,
Para vencer qualquer dificuldade.*

*E quando me livre daquele enredo,
E quando ao fim entre nessa estalagem,
Disfrutei da maior felicidade.*

DINIS DE VILARELHO

A Reforma Administrativa

(Continuado da pág. 1)

freguesias se mantêm num marasmo confrangedor. Ora o que eu suponho é que a nova reforma administrativa deve conceder verbas para as juntas de freguesia e conceder-lhes uma certa autonomia em relação às sedes. Nós aqui em Fão estamos condicionados às vontades de Esposende.

E estes não têm os mesmos critérios, para todo o concelho.

Por exemplo:

Em Fão tem que se respeitar o pinhal, as terras de cultura, a margem do rio, etc. Enquanto em Esposende a cidade cresce, por pinhais, terras de culturas e por todo o lado sem limitações.

A margem do rio é completamente escavacada, para lá construir infraestruturas desportivas e de lazer.

Fão há muito que anseia pela sua marginal, que ligaria o Caldeirão ao centro de Fão.

Quanto a mim deveria prolongar-se o cais do Caldeirão, fazendo uma meia concha nas imediações do Cortinhal seguindo em direcção à ponte, com uma passagem por baixo dela. Isso permitiria uma saída fácil para os nossos bombeiros que se encontram encravados no coração de Fão.

A zona protegida do litoral de Esposende ia até à ponte metálica de Fão, daí para cima não havia zonas protegidas, mas como Fão queria a sua marginal, aumentaram a zona protegida até à nova ponte.

Embora ali não haja nada para proteger, nem fauna nem flora, criou-se a zona protegida só com o propósito de não fazerem a avenida.

Estas e outras questões devem ser os fangueiros a resolver e não pessoas que não sentem alguma afectividade por esta terra.

Enquanto as coisas que dizem directamente respeito a Fão não forem resolvidas pelos próprios fangueiros, não me parece que tenhamos uma democracia plena.

José Ramos da Silva

Obras no Salão

Quase se pode dizer que as obras no Salão estão terminadas. As listas de ofertas continuam nas ruas a recolher donativos para contrabalançar os gastos que estão a ser feitos.

Os fangueiros são tidos como bairristas e a construção de um Salão de catequese é fundamentalmente uma expressão de bairrismo.

No penúltimo sábado os Águias de Serpa Pinto levaram à cena um espectáculo cuja receita reverteu a favor das obras do salão.

ESPOSENDE

Por: ARTUR L. COSTA

QUARESMA - TEMPO DE REFLEXÃO

Depois do jogo do Carnaval, celebramos o tempo de Quaresma e as solenes exéquias da Morte e Paixão de Cristo.

Da mensagem de S. S. o Papa, anualmente difundida pela Igreja Católica, muito há a reflectir e a meditar.

"O Senhor chama-nos uma vez mais a segui-IO pelo itinerário quaresmal". De facto, "Dai-lhes vós mesmos de comer", pensamento extraído do Evangelho segundo S. Mateus, obriga-nos a pensar nos excluídos da sociedade, nos famintos (Crianças, mulheres, homens) e nos que sentem o mal estar da injustiça; nos que são perseguidos e, também, nas vítimas do egoísmo de outros Homens.

Todos podemos fazer muito pelos outros, na oração e nas verdades da Fé.

Há quem sofra o desemprego, com os maus tratos e com a indiferença da sociedade.

Esposende, com tradições nos actos solenes da Quaresma; que acompanha com devoção a paixão e morte de Cristo, prepara-se para celebrar condignamente, os passos do Senhor até ao Calvário, até à sua Ascensão. É tradição, igualmente, a Semana Santa ou Semana Maior, que envolve toda a gente no mesmo sentimento de fé e de esperança.

BOMBEIROS PRESTAM CONTAS DE 1995 LOUVADO O CORPO ACTIVO

Na Assembleia Geral de 24 de Fevereiro, dos Bombeiros Voluntários de Esposende, foi aprovado um voto de louvor ao Corpo activo e Comando, pelo esforço, espírito de sacrifício e capacidade técnica, no combate aos fogos que desvastaram extensas áreas de pinheiros e de vegetação no verão de 1995. Aprovado, também, o programa delineado para comemorar a data de fundação, já com 105 anos.

Da análise das contas e do parecer favorável do Conselho Fiscal, o presidente da Direcção Dr. Agostinho Pinto Teixeira salientou o saldo apurado de cerca de 10.100 contos, verba comprometida para acorrer a despesas correntes da gestão em curso. As contas foram aprovadas por unanimidade e, bem assim, as propostas de louvor: à Direcção e aos Secretários, Manuel Nunes e Mário B. Marques.

O relatório refere, ainda, a compra de duas viaturas no valor de 25 mil contos e a comparticipação do Serviço Nacional de Bombeiros, no valor de 16 mil contos. Esclareceu, das verbas constantes na receita: de benfeitores da Associação, mais de dois mil contos; de subsídio da Câmara Municipal, dois mil contos; de serviços prestados, do bar, de venda de material, de transporte de doentes e de cotas dos associados, como fundamentais para cobertura das despesas.

No período destinado a informações, o presidente da Direcção anunciou o programa para comemorar o centenário, este ano com três dias de actos festivos; do protocolo a assinar com a Banda dos Bombeiros Voluntários de Esposende (Antas), no qual, a Associação concede regalias aos componentes da Banda, em igualdade com os sócios contribuintes, desde que os beneficiários sejam naturais e residentes na freguesia de Antas. A Banda atenderá aos serviços solicitados pelos Bombeiros.

A Mesa da Assembleia Geral e a Direcção, lamentaram a ausência de maior número de associados (considerando haver mais de mil), a denotarem o desinteresse pelos actos da Associação.

Programa da festa dos 105 anos dos Bombeiros, a iniciar em 22 de Março:

Dia 22, à noite: momento de cultura, com palestra ou fados de Coimbra;

Dia 23, à tarde: lanche aos filhos dos Bombeiros, romagem ao cemitério Municipal, seguida de cumprimentos às autoridades, na Câmara Municipal; à noite, concerto pela Banda dos Bombeiros;

Dia 24: de manhã, alvorada, formatura geral

e hastear das Bandeiras, entrega de condecorações e bênção de duas novas viaturas; sessão solene com entrega do crachá de outro da Liga dos Bombeiros Portugueses. Almoço de confraternização. À tarde, desfile motorizado e apeado, de equipamento e material antigo, com a participação dos Bombeiros do Distrito.

ACTIVIDADE DA CORPORAÇÃO

No decorrer do ano de 1995, os Bombeiros Voluntários de Esposende registaram o movimento constante no mapa anexo.

Há a considerar o aumento substancial dos sinistros que assolaram o País.

O movimento, de acordo com o mapa, é o que se segue:

	SER.	HOR.	MIN.	KM	TR.	MOR.
FOGOS RURAIS	107	414	20	8603		
FOGOS URBANOS	13	6	25	216		
FOGOS INDUSTRIAIS	4	6	25	213		
FOGOS EM TRANSPORTES	6	4	15	161		
OUTROS FOGOS	4	2	40	96		
ACIDENTES RODOVIÁRIOS	396	256	25	7492	389	10
ACIDENTES NÁUTICOS	8	14	45	160	6	
ACIDENTES DE TRABALHO	36	20	5	603	34	
INUNDAÇÕES	22	27	55	219		
DESABAMENTOS	3	4	20	21	1	
ACIDENTES DIVERSOS	156	227		3431	1	3
AGRESSÕES	63	36	25	1003	65	
DOENÇAS SÚBITAS	727	414		10913	683	5
INTOXICAÇÕES	52	32	35	887	48	
PARTOS	16	13	50	445	18	
QUEDAS	292	164	55	4573	292	
OUTROS SERV. DE SAÚDE	3	1	25	25	3	
TRANSPORTE DE DOENTES	6194	7763	50	227306		
PREVENÇÕES	79	128	35	1362		
EXERCÍCIO	4	53	45	894		
INSTRUÇÕES	25	69	50	647		
APOIO A VIATURAS	5	3	55	85		
REPRESENTAÇÕES	45	117	5	1673		
DESLOCAÇÕES OFICIAIS	143	2608	50	37927		
DESLOCAÇÕES INTERNAS	262	695		14574		
OUTRAS DESLOCAÇÕES	2	3	15	34		
TOTAL	8640	13090	50	323574	1540	18

BONECAS DO SÉCULO XIX EM MUSEU

Conforme "Falcão do Minho" noticiou, 22 bonecas de colecção particular estão expostas no Museu Municipal de Esposende, a recordar uma prática do século passado, em que as meninas tentavam copiar as lides domésticas, além da

intenção lúdica capaz de bem preparar as mulheres (damas) do futuro.

Nas bonecas expostas são aplicados vários materiais: porcelana, vidro, cartão prensado ou pasta de papel, trapo, celulósido. Também, cetim, tule, cambraia entre outros tecidos muito em voga no século passado.

Das peças expostas, a matrona russa, a dama vitoriana, a vianesa, o menino do pião, de entre as figuras a representar os vários extractos sociais, formam um conjunto interessante e que reflecte a vida do século XIX. A casa e o quarto da boneca, a sala entre os mais nobres compartimentos da moradia, com a mobília apropriada e que foi, desde sempre, a predilecção das crianças dessa época.

A colecção exposta é propriedade da Dr.ª Maria Assunção Sousa Louro, apreciadora das praias do Concelho de Esposende.

MUSEU: ALTERAÇÃO DE HORÁRIO DE VISITAS

A partir de 15 de Fevereiro, o Museu Municipal alargou o seu horário de funcionamento o que permite mais espaço temporal das visitas.

Assim, desde 3.ª feira e até 6.ª feira, o horário passou ao seguinte: 10H00 às 12H00 e das 15H00 até às 18H00; aos sábados e domingos, das 15H00 às 18H00. Nos feriados e segundas-feiras, encerrado.

De acordo com a informação recebida, o novo horário proporciona um maior período de abertura aos visitantes e, por outro lado, mais descanso ao pessoal administrativo pois, o serviço será executado por agentes de empresas de segurança.

Entretanto, o Museu Municipal mantém em permanência a exposição: "Do Paleolítico aos nossos dias"; "Esposende - O Concelho em visita", até 31 de Março.

PIZZERIA - CREPERIA - GELATARIA

One Way

TAKE AWAY - ENTREGA GRATUITA AO DOMICÍLIO - ENTREGA EM 30 MINUTOS

Rua Vasco da Gama, Loja 11 R/C Esq. Três
4740 ESPOSENDE - TELEF. (053) 961566

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Então esse Carnaval? Divertiram-se? Agora toca a trabalhar, que daqui a pouco estão aí as avaliações do 2.º período e esperamos que os resultados sejam compensadores!

ORA BOLAS, PESSOAL

Por CARMEN LUZ

Li numa revista que a camada de ozono que protege o nosso Planeta da força dos raios do sol está a ficar cada vez mais esburacada e, com os tempos, irá desaparecer.

Ora isso já eu tinha ouvido dizer. A surpresa foi saber que tão ameaçador acontecimento se deve ao uso dos "sprays" e do ar condicionado.

Fiquei a pensar no assunto. Então se os motivos são esses, não está na nossa mão evitá-lo, deixando de usar as causas do perigo?

Falei cá em casa e soube que já há "sprays" inofensivos para o ozono, género vaporizadores dos frascos de perfume!

Porque é então que, face à ameaça, os Governos dos vários países não se unem para proibirem o fabrico dos "sprays" perigosos? E também porque não obrigam a reduzir o uso de ar condicionado nos Hospitais, por exemplo?

Cá em casa sempre tivemos aquecedores no Inverno e ventoinhas no Verão e a temperatura é agradável, e se calhar ficamais barato que o ar condicionado!

Fiquei muito triste em saber que num futuro não muito longínquo, os raios de sol, sem a protecção do ozono, queimarão a Terra, fazendo desaparecer a vida humana e não só: toda a vida animal e vegetal e secar a água.

A Terra será um planeta aberto, queimado, desolado e seco.

Ora se está nas nossas mãos evitá-lo, porque deixamos correr?

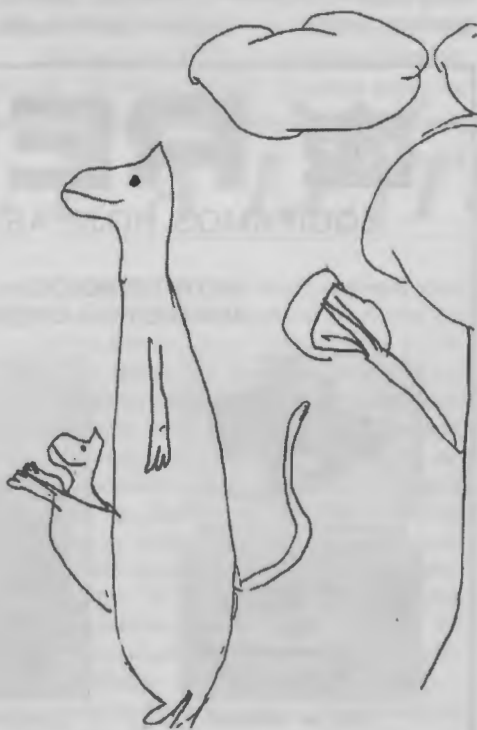
Ora bolas, pessoal!

FIM DA EXISTÊNCIA

*Escuta-me tempo!
Não mais desprezes
As palavras de súplica
Que traduzem
Os meus desejos fervorosos.*

*Devolve-me
A inocência e simplicidade
De antigamente,
Ou deixarás de existir
Para mim
Um dia...*

MARTA MENDES
(18 anos)



Desenho de JOANA SÍLVIA

REALIDADE

*A realidade do que não se sabe,
As perguntas que não se vêem,
Aquilo que não se compreende
Por não saber...
O mistério do que há ainda por descobrir...
O mistério de quem sou
E quem serei
Algo que não quero ver nem saber!!!
Quero só
Não saber os porquês.
afinal nem tudo tem um porquê,
Um motivo,
Uma razão!
Talvez por o não saber
Terei mais prazer!!!*

FILIPA MAGALHÃES
(17 anos)

PAUSA PARA SORRIR

Dois loucos, internados no Hospital respectivo, conversam. Um deles pergunta:

– Ontem, quando a tua esposa te veio visitar, com a tua filha, fez-me impressão a cara da menina, toda às bolinhas. Ela está com sarampo?

– Não – responde o outro. – O que acontece é que, quando a minha mulher estava grávida, o médico receitou-lhe uns comprimidos. Mas ela distraíndo-se, uma vez, e, em lugar dos comprimidos tomou "smarties".

Uma senhora estava à janela da sua vivenda, vendo o filho treinar-se na bicicleta nova. o miúdo deu uma volta à casa, e, ao passar em frente à mãe, tirou as mãos do guiador e disse:

– Olha, mamã! sem mãos!

Deu outra volta, tirou os pés dos pedais e disse:

– Olha, mamã! Sem pés!

Depois, demorou muito a passar de novo. Quando voltou, vinha de cabeça baixa muito devagar, com a bicicleta à mão e disse:

– Olha, mamã! Sem dentes!...

CONSTRUÇÃO DO HOSPITAL DE S. JOÃO DE DEUS, DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE FÃO

Por JOSÉ MARIA MACHADO DO VALE

FALTA DE MEIOS DE UBSISTÊNCIA

Em consequência das grandes despesas que a Santa Casa fazia constantemente, com o tratamento de moléstias agudas ou acidentais, em 15 de Agosto de 1889, foi acordado que, daquele momento, em diante, não fossem admitidos no hospital doentes, cujas moléstias fossem crónicas ou incuráveis, isto, por não ter o hospital, os rendimentos necessários.

Pelo mesmo motivo, em 21 de Julho de 1895, portanto, cinco anos depois, perante a Mesa compareceu o Doutor Augusto Moreira Pinto, médico do hospital, — para cujo comparecimento tinha sido convocado por ofício do Provedor —, sendo tomada a mesma decisão e, no caso de dúvida, ao fim de quinze dias de observação no estabelecimento, o médico desse alta àqueles cujas doenças verificasse incuráveis.

Mais acrescentava-se que não se admitissem visitas, à semana, bem como, quando aparecesse, de futuro, algum doente que se encontrasse nos já referidos estados de saúde (crónicos ou incuráveis), lhe fossem “abonados os medicamentos, para fora, ou uma esmola, mas não medicamentos e esmola”, por os rendimentos não o permitirem.

Não tendo o estabelecimento da Santa Casa, pelos seus recursos ordinários, meios de ocorrer às despesas a fazer com socorros públicos, a indigentes, em 6 de Setembro de 1899, foi deliberado que, no caso desta povoação ser assolada pelo flagelo da peste, se representasse ao Governo de Sua Magestade, pedindo, em conformidade com a lei, autorização para levantar, dos hospitais que constituíam os fundos da instituição, a quantia de 400.1000 mil reis, destinados, exclusivamente, a provir àquelas despesas a qual seria reposta em cofre, com a verba anual de amortização, de 10%.

CRIAÇÃO DE UM ASILO PARA ENTREVADOS

Conhecidas as grandes dificuldades que a instituição enfrentava, nos primórdios do século XIX, ora por falta de meios económicos, ora por falta de comodidades com capacidade necessária para o acolhimento de enfermos e indigentes — tanto da freguesia, como das localidades circunvizinhas —, em 19 de Julho de 1888, foram aprovados pelo Governo Civil do Distrito de Braga os novos estatutos da Misericórdia de Fão, — dos quais, é salientado no Capítulo I (da irmandade e seus fins), o artigo 1.º, onde se lê que a irmandade da Misericórdia, erecta nesta freguesia, desde remotos tempos, sob a protecção S. S. Virgem, tinha por fim geral, o exercício de obras de misericórdia, sob todos os pontos de vista, para o irmão primeiramente, e depois para com todas as pessoas; devendo para melhor desempenhar essa missão, empregar os meios necessários, para a criação de um asilo, para entrevados, logo que isto fosse possível, e dar o máximo incremento, ao hospital, cuja administração lhe pertencia, subsidiando-o mensalmente, com a possível quantia.

Mais acrescentava-se no Capítulo XIX (do asilo de entrevados), no artigo 62.º e § único, que as diversas mesas que administrassem a irmandade, além de outros expedientes de que pudessem lançar mão, iriam capitalizando anualmente qualquer quantia que lhes fosse possível para em ocasião oportuna dar começo e levar a cabo o asilo; e quando se achasse o asilo, se determinaria no respectivo regulamento o seu regime interno e doméstico.

Em conformidade com o artigo 62.º, já referido, dos novos estatutos, em 8 de Julho deste mesmo ano, foi resolvido que se capitalizasse para ajuda da criação deste melhoramento local, a quantia de 110.000 mil reis — e que esta quantia seria tirada dos saldos, em rendimento da Misericórdia, que era de 139.000 mil reis.

E, a 2 de Dezembro, também, do mesmo ano, pelo Provedor foi entregue ao Tesoureiro da Santa Casa, a quantia de 50.000 mil reis, ofertada pelo Reverendo Prior Gonçalo Lourenço Cardoso Viana, para a criação do asilo, acompanhado de um ofício que, dada a sua importância, se transcreve na íntegra: — “*Illmo. e Exmo. Senhor Provedor. Continuando a merecer a minha atenção esse Pio Estabelecimento, de que V.º Ex.a é digníssimo Chefe, atenção que continuará a merecer-me em quanto elle for profiquamente administrado, não é menos sympathico esse outro que projecta levar a efeito — O Asylo d'Entrevados. É por isso, e, para este, que remeto cinquenta mil reis, com o unico e exclusivo fim de serem capitalizados e seus respectivos juros, d'hoje em diante, para em ocasião opportuna, se inaugurar esse projectado e tão necessário Asylo. Tal é a intenção da pessoa oferente. Ardentes ao Céu são os meus votos afim de que esses seus desejos sejam o incentivo de maiores e grandes quantias, porque os entrevados também são*

nosso irmãos. Sam Paio de Fão, 8 de Dezembro de 1888. O Prior, Gonçalo Lourenço Cardozo Vianna”.

E a que propósito se realça este documento?

Simples! É que, a partir deste grandioso gesto de humanidade, por parte do Reverendo Prior Gonçalo Viana, vieram a manifestar-se acontecimentos de intensa importância — como se verifica de um outro ofício pelo mesmo Prior remetido à instituição da Santa Casa, com a data de 24 de Setembro de 1889, no qual dizia que já três compradores para a “Fábrica, d'esta mesma freguesia”, mas, porém, preferia que aquela fábrica era útil e necessária para a Misericórdia, de futuro, ali edificou o novo hospital e asilo, mas que todavia, aquele prédio estava avaliado em 90.000 mil reis.

É claro que, “attentos os parcos rendimentos que, com muito custo, mal chegavam para custear as despesas” e discutido este ofício, a compra ficou em “águas de bacalhau”, ou seja, não se realizaria, sendo pela Mesa deliberado que se lhe officiasse fazendo-lhe sentir a impossibilidade de realização de tão alta necessidade.

Fão, 21 de Fevereiro de 1996.

(Continua)

IDENTIDADE

*Se cada um é quem é
E não há ninguém igual,
É daqui que vem o mal:
— Quer ser quem se não é!*

*Se cada um é quem é
E não há ninguém igual,
Como se pode achar mal
Em ser-se como se é?!...*

FLORINDA DE ALMEIDA



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 80 91 018 - 80 83 748 — FAX 86 73 85
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL. 759 72 04 — FAX 7597206

PEDRAS QUE FALAM

Por MARIA SALOMÉ

Morreu Virgílio Ferreira. O autor da "Manhã Submersa" e "Conta Corrente" tinha 80 anos.

Oitenta anos de escrita ininterrupta pois, como ele próprio disse: – que hei-de fazer além da escrita? Mas o pior é publicar...

Se o Mestre o dizia que dirão os outros?...

É vulgar o que vou escrever mas a verdade também pode estar (e está sempre) no comum.

O mundo literário está mais pobre e estes "monstros" são raros e custam a fazer-se.

Feito difícil, espírito crítico, desassombrado, a sua pena escreveu numa abrangência notável da vida portuguesa. Talvez por isso nem sempre simpático a certos olhos... Por mim ficou-me desde a aula a "Manhã Submersa" – traço de uma época a preto e branco, mais preto do que branco.

É como na hora calma em que escrevo: vejo a manhã. era só puxá-la para cima, mas fica, ficará, eternamente submersa, numa tristeza dolorosa, quase doce, quase feliz...

Tenho tudo: coisas ao de cima e coisas afundadas por não sei que estranhos desígnios.

Poderia arranjar uma grande escada e mandar subir para a realidade tangível o sonho submerso.

Mas como, se só mando no sonho virtual?

Assim, vou caminhando (parar, nunca!), como se fosse uma irmazinha de caridade dessa peça do tabuleiro que me falta para eu ganhar o jogo.

E surge também a minha "Conta Corrente" em que a amargura até já povoa os meus sonhos de pesadelo...

Quando surge a manhã, mesmo submersa, eu sou outra pessoa: emudeço as "pedras que falam" e parto à luta de alguma estrela que eu possa agarrar.

Ora bem: tudo isto para tentar homenagear Virgílio Ferreira, um dos maiores entre os grandes.

Faltou competência, onde sobrou boa vontade e determinação.

Mas eu sou aprendiz de poeta, amando mais do que fazendo.

Destino para uma caminhada que, peço a Deus, só termine quando a hora chegar.

REMINISCÊNCIAS DE UM EMIGRANTE

O DIA DOS MORTOS

Por AMÂNDIO CARAMALHO

Posso informar aos Descrentes e Cientistas, de que NÃO EXISTE MORTE, porque a VIDA É ETERNA.

O Editorial escrito em "O Nosso Fangueiro" do mês de Novembro pp., nos chamou a atenção pelas dúvidas feitas em relação à existência da Alma ou Espírito, e qual seria o seu destino. Na Bíblia, em alguns relatos, tomamos conhecimento, de que o Apóstolo Tomé, só acreditava naquilo que via, e por isso, algumas vezes, diz-se que Jesus o repreendia, perguntando-lhe:

Tomé, onde está a tua fé?

Há 100 anos atrás, se alguém afirmasse que o homem iria à Lua, que haveria televisão, que teríamos telefone sem fio, que existiria o computador, com certeza, nos colocaria uma camisa de força e nos chamaria de loucos. No entanto tudo está aí, e a ciência e os cientistas ainda não conseguiram saber, quem nasceu primeiro... "Se foi o ovo ou a galinha!..."

E continuam a duvidar se existe a alma ou Espírito.

E por coincidência (será?), eu nesse mesmo número de Novembro, falava da minha admiração pelo monumento das Alminhas do Cais, e do Altar das Almas na nossa igreja Matriz.

E porquê isto?... – DEUS sempre vai fornecendo à Humanidade os conhecimentos de acordo com a sua evolução. E os momentos principais é às histórias Bíblicas que nos falam de Abraão, de Noé, dos Profetas, de Moisés, até à chegada de JESUS, que há 2000 anos revolucionou o nosso Planeta.

Hoje, os chamados cientistas, vivem encontrando ossos que dizem ser de antigos "Dinossauros", e afirmam que tem 75 milhões de anos!... E porquê isso?... Com certeza a humanidade está adquirindo tais conhecimentos, que Deus com certeza, irá dar-lhes meios para chegarem onde desejam.

Mas para isso precisam obedecer e respeitar as Leis Divinas. E nessa mudança estão os

ensinamentos de JESUS e o aperfeiçoamento do Espírito.

E nós que temos a felicidade de conviver com as manifestações espirituais, há mais de 50 anos, podemos testemunhar a sua existência, ou melhor a sua VIVÊNCIA, e através deles receber conhecimentos e instruções, que a vida terrena não nos pode dar.

Dito isto, há 140 anos foi preciso que o médico francês, que passou a se designar ALAN KARDEC, pudesse comprovar a vivência do Espírito.

Com essa afirmativa, aqueles que se sentiram prejudicados nos seus princípios, procuraram defender os seus interesses, contestando essa realidade. Mas agora já começam a falar sobre as coisas do Espírito, que só admitiam existir naqueles que chamavam de SANTOS.

E agiam assim, sem reparar naquilo que nos ensinavam, e que podemos relembrar o nosso aprendizado na Catequese, para fazer a primeira comunhão, no que nos diz a Oração chamada CREDO com as seguintes palavras:

"Creio em Deus Pai todo poderoso, criador dos céus e da terra, etc., etc., e termina assim:

Creio no Espírito Santo, na Santa Igreja de Jesus (isto é meu), na comunicação dos Santos, na Remissão dos pecados, na Ressurreição da carne (em lugar da Reencarnação), e na VIDA ETERNA. Amén".

Para concluir, agora nos últimos 30 anos, quase todos sabem a "Prece de Francisco de Assis", que também termina assim: – é dando que recebemos, perdando é que somos perdoados, e morrendo é que renascemos, para a VIDA ETERNA – Amén.

E ainda existe alguém que tem dúvidas da existência do Espírito e continuam como São Tomé. E procuram nos miolos da cabeça humana, encontrar onde se localiza a Memória ou o órgão chamado de Alma ou Espírito.

(Continua na pág. 11)

O FUTEBOL E A LEITURA

Por ARMANDO SARAIVA

O INCREMENTO DO FUTEBOL

Na Europa e ao longo dos séculos os jogos da bola, ou, melhor dito, os jogos com bola recrudescerem e pensamos arranjar para isso uma explicação. É que por esta altura altura, 1800, antes e depois, firmava-se na Europa, de uma maneira pronunciada, o iluminismo que o mesmo é dizer, o primado da razão, que acabou por se impôr no comportamento e no pensar do homem. Consequentemente os jogos brutais e, acima de tudo, sangrentos, foram pressionados para mudar de direcção, restando apenas aqueles que opunham o homem ao toiro, isto é, as touradas que ainda hoje subsistem como resquícios desse mundo antigo e sangrento. Por outro lado, a confecção das bolas progrediu como tudo o que é engendrado pelo cérebro humano. Como já frisámos atrás, as bolas passaram a ser com borracha ou couro, o que

permitia disputas de certo modo violentas, mas já controladas com a existência de regras ou leis. Já era possível jogar com as mãos e com os pés. Em Inglaterra, na escola de Harrou e outras, os jogos, ou antes, a bola era disputada apenas com os pés e essa modalidade acabou por dar origem à moderna Associação de Futebol, primeiro chamado Soker e depois Socer. Já na Escola de Rugby e outras praticava-se outra modalidade onde era possível o uso da mão na bola e do pé também. Os dois tipos de jogos foram formalizados quase ao mesmo tempo: a Associação de Futebol nasceu em 1863 e a União de Rugby em 1871. Muitos países renderam-se a estas duas modalidades e a outras, predominando aquele tipo de desporto que mais cedo começou a ser praticado. O rugby desenvolveu-se nas Ilhas Britânicas, Austrália, Nova Zelândia. África do Sul e França. o futebol

hoje é praticado pelo menos em 160 nações.

O PORQUÊ DA PREDOMINÂNCIA DO FUTEBOL

Outra pergunta que importe fazer: como explicar o sucesso do futebol, a sua expansão e a sua permanente vitalidade? Por que será que o futebol é o desporto mais vitorioso e cativante da humanidade? Os jornais dedicam-lhe um espaço inimaginável para outras realizações sociais. Em Portugal existem dois diários exclusivamente dedicados ao desporto onde o futebol leva a parte de leão. Não nos esqueçamos que quando há alguns anos morreu José Maria Pedroto, na altura técnico do Futebol Clube do Porto, o "Jornal de Notícias" dedicou-lhe onze páginas, record jamais atingido por qualquer político, artista ou sábio.

(Continua no próximo número)

DE APÚLIA

FUTEBOL – Último resultado do nosso representante no Campeonato da Divisão de Honra da Associação de Futebol de Braga, Vilaverdense, 1 - Apúlia, 0.

À 20.ª jornada, o Apúlia ocupa a 10.ª posição da tabela classificativa, com 6 vitórias, 8 empates e 6 derrotas, e com 21 golos marcados e 20 sofridos. Na classificação geral, o Apúlia tem 26 pontos, menos 3 do que o nono, o Fão, o 8.º, o Bairro da Misericórdia, e o 7.º, o Celoricense.

Lidera agora o campeonato, o Águias da Graça, com 37 pontos.

O jogo em Vila Verde era difícil, e não só pelo jogo ser em sua casa, já que este Clube é um dos pretendentes ao título de campeão, e por isso o resultado está dentro da normalidade.

O próximo jogo é em casa do Apúlia, com o Martim, neste momento em 5.º lugar, com 32 pontos.

ESTAÇÃO DOS C.T.T. DE APÚLIA A TEMPO INTEIRO? – A Associação para a Defesa do Ambiente (G.A.I.V.O.T.A.), distribuiu por intermédio dos C.T.T. pelas habitações de Apúlia, prospectos em que se pede à população para que canalise o pagamento das contas telefónicas, de electricidade, impostos do I.R.S. e I.R.C., bem como o movimento de correspondência, encomendas postais, e o recebimento das pensões de reforma através da Estação local dos C.T.T., a fim de se conseguir a abertura dessa Estação a tempo inteiro.

Mesmo que possam subsistir dúvidas sobre o enquadramento deste pedido pela G.A.I.V.O.T.A., no seu programa de acção, a medida é positiva, e todos os apulienses a devem apoiar e scundar.

O SENHOR GOVERNADOR CIVIL EM APÚLIA – Se os jornais não mentem, o Senhor Governador Civil de Braga, na sua visita ao concelho de Esposende, partiu daqui alarmado com o estado de erosão que encontrou em toda a sua orla marítima.

A destruição das praias de Apúlia, e das suas dunas, terá deixado aquele representante do Governo assustado.

É possível que o Senhor Governador Civil tenha conhecido as praias de Apúlia, quando todas elas, das "Pedrinhas" à "Ramalha" eram uma só, de areal imenso. E talvez também por isso o seu lamento.

Depois deste alerta é possível que se faça agora aquilo que já devia ter sido feito há muito, a destruição total do esporão das "Pedrinhas", porque ele é, seguramente, um dos principais agentes destruidores das nossas praias.

E que não fique só por aí. O esporão da "Cruz" também necessita de ser encurtado, e o "Rio do Saraiva" a quem serve de fronteira, também devia ser coberto numas dezenas de metros, da Avenida da Colónia para o mar. Atente-se na destruição das dunas, em todo o comprimento, dali até à "Ramalha", causada pelas marés vivas do mês de Janeiro, mas também com alguma cumplicidade desse esporão.

E faça-se isso enquanto é tempo. Que o esporão das "Pedrinhas" nos sirva a todos de exemplo.

A.S.C.R.A. – O Senhor Governador Civil, na visita que fez a Apúlia no dia 14 do mês de Fevereiro último, além das praias de "Cedovém", "Pedrinhas", e "Couve", também visitou o Centro de Saúde e a Associação Social, Cultural e Recreativa de Apúlia (ASCRA), com instalações modelares, e onde funciona o Jardim de Infância, Creche, A.T.L., e onde também funcionará brevemente (se é que não funciona já) um Centro de Dia para Idosos.

O Senhor Governador Civil, sempre acompanhado pelo Senhor Presidente da Câmara, ficou a conhecer a obra valiosa que ali se tem vindo a construir, e as dificuldades económicas, naturais, em quem prestando serviços a mais de 150 crianças, apenas recebe apoios da Segurança social para 40 delas, da valência Creche.

ADELINO DIAS DA SILVA – Para visitar o irmão Arlindo, doente naquele país, encontra-se no Brasil o nosso conterrâneo e amigo – Adelino Dias da Silva – proprietário e reformado da Guarda-Fiscal.

Ao Arlindo Mujo, que foi uma das referências futebolísticas de quem escreve estas linhas, desejamos um rápido e eficaz restabelecimento.

E boa viagem de regresso para o Senhor Adelino Silva.

ENTRE NÓS – Vindo da Venezuela, onde passou os melhores anos da sua vida, está entre nós, desejamos que para ficar, o nosso jovem conterrâneo – Lourenço Moreira Fernandes Cruz.

Viúvo, já cá tinha a estudar os seus dois filhos, e à sua espera e ansiosos, para além dos filhos e dos irmãos, estava a sua mãe, uma senhora viúva, de muitos anos de vida, mas ainda de fresca memória.

Os nossos desejos para que o Lourenço se fixe por cá, junto à família, que é a coisa nelhor deste mundo.

SEM REMETENTE – A A.S.C.R.A. nasceu muito pelo esforço, pelo trabalho, pelo entusiasmo, e até pela paixão contagiante de uma senhora apuliense.

Não fora ela, e não seria possível, a curto ou a médio prazo, a criação e o crescimento dessa obra social maravilhosa.

A compra de todo o mobiliário, louças e de roupas para as crianças, e até o pagamento, durante alguns anos, da renda da casa onde inicialmente esta Associação exerceu a sua obra, foram fruto e obra dessa senhora generosa.

Ainda agora essa Associação, que já acolhe dentro das suas portas mais de 150 crianças, foi enriquecida com a dádiva de um autocarro de média lotação, oferecido sem quaisquer encargos, pela "Impetus" Portugal.

Por trás de mais essa generosidade, lá está a mão dessa senhora, que, juntamente com o marido, são sócios maioritários daquela Empresa.

Isto, o que se escreve, e o muito que se poderia escrever, não são lendas, são factos.

E, contra factos:

Este bilhete postal não tem destinatário, que essa senhora nunca o consentiria, nem tem um só remetente – a terra nunca o aceitaria – porque remetentes somos todos os que nos engrandecemos com os que se engrandecem, fazendo o bem.

NOVO TALHO
JACINTO

Carnes de Qualidade
"APÚLIA"

Talho 1 – ☎ (053) 981920

Talho 2 – ☎ (053) 981946

FAX (053) 981920

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



GRANJEIOS DIVERSOS

(Continuado do número anterior)

O aumento de produção não compensa. Assim, deve-se aumentar a adubação apenas enquanto o valor do aumento de produção for directamente proporcional ao aumento de custo ou pouco menos.

6 - CUIDADOS ESPECIAIS

6.1. Tutoragem

As plantas trepadeiras, como certas variedades de feijão e de ervilha, necessitam de apoios para trepar. Isso pode conseguir-se enterrando canas no terreno, junto às plantas, e deixando-as trepar. Geralmente, as canas são agrupadas três a três, cruzando-as no topo, para dar maior solidez ao conjunto. Devem ter o comprimento suficiente para as plantas treparem até ao limite do seu crescimento.

Há plantas não trepadeiras que pode, ser cultivadas com tutores, amarrando-as com fio, de preferência plástico, para não estragar os caules. É o caso de certas plantas de frutos, para evitar que eles arrastem pelo chão, estragando-se, como os tomates. Nada impede, porém, que isto se faça com as abóboras e melões, por exemplo, poupando espaço. Desde que se disponha de água para rega, as plantas podem ficar mais próximas, e fazem-se subir em vez de se espalharem pelo chão.

6.2. Capação

Este termo designa uma despona, operação também usada em fruticultura. Consiste em cortar com a unha a extremidade, ainda tenra, dos caules das plantas. Isto provoca uma ramificação.

A CULTURA DO DIOSPIRO

I- ORIGEM E HISTÓRIA

Árvore originária do continente Asiático, muito cultivada no Extremo Oriente mais precisamente na China, tendo daqui irradiado para o Japão e Coreia cerca do fim do século VII d.C.

A cultura do Diospiro, também conhecido por KAKI, LOTUS DO JAPÃO, ou por PALO SANTO, foi introduzida nos países temperados com condições edafológicas climáticas semelhantes às da sua origem tais como os países circummediterrânicos, a América do Sul e Estados Unidos. Aliás parece que na fase da sua difusão esta cultura passou do extremo oriente aos EUA e daqui veio para a Europa durante o séc. XIX.

O Diospiro apareceu e espalhou-se pela Europa como planta ornamental, apreciada pela sua folhagem que passa do verde escuro durante o estio a tonalidades rosadas e alaranjadas no Outono, e pelo aspecto decorativo dos frutos na árvore (esta por vezes já sem folhas).

A madeira da árvore é muito apreciada para mobiliário de arte e para trabalhos de marcenaria delicada. Esta é uma das madeiras a que em marcenaria é dado o nome de PAU SANTO, nome que é derivado de PALO-SANTO.

A expansão pela Europa desta cultura como produtora de frutos de valor comercial só se deu após o final da Primeira Grande Guerra, nas regiões mais meridionais do continente.

Alguns factores não esperados na altura limitaram o incremento da produção desta fruteira:

a) Concorrência de outras frutícolas que entretanto tomaram grande expansão como sejam a macieira, pereira e pessegueiro;

b) dificuldade de controlar as infestações da praga *Ceratitis Capitata* que se expande com facilidade e ataca com violência nas regiões de clima temperado;

c) inadequadas técnicas da maturação antecipada dos frutos, com efeitos depressivos sobre as características organolépticas.

A partir do final dos anos cinquenta a

cultura do Diospiro retomou uma fase de crescimento, principalmente devido aos seguintes motivos:

a) Excessos de produção dos outros frutos, e vontade dos consumidores em experimentar frutas diferentes do comum;

b) aparecimento de meios químicos que tornaram possível o controlo dos ataques da praga *Ceratitis Capitata*;

c) evolução e aperfeiçoamento das técnicas de maturação antecipada dos frutos sem inconvenientes organolépticos;

d) melhoria das organizações de mercado;

e) elevadas produtividades e rendimentos conseguidos nos pomares tecnicamente bem conduzidos;

f) inferior exigência de meios e técnicas da cultura do diospiro relativamente às mais comuns espécies frutícolas cultivadas.

II- BOTÂNICA

O Diospiro está classificado pela sistemática com o nome latim de *DIOSPYROS KAKI*, que pertence ao género *Diospyros* o qual pertence à família das Ebenáceas. É o género mais importante desta família que compreende cerca de 2000 espécies, quase todas espontâneas das regiões tropicais e sub-tropicais.

O *D. ebenaster* é cultivado na Índia e no México, produzindo um fruto comestível, doce com polpa negra, usado também para preparar uma bebida fermentada alcoolizada e a partir por destilação uma espécie de aguardente; o *D. discolor* é cultivado na Índia e nas Filipinas como planta ornamental; o *D. montana* e o *D. Texana* são ainda outras espécies conhecidas, sendo este último (do Texas) característico pelos seus frutos muito ásperos e adstringentes de cor muito negra, usado em tintoraria; o *D. mespiliformis* encontra-se na Etiópia para a produção lenhosa; o *D. Kuriwai* encontra-se no Japão, onde é usado em obenisteria (marcenaria de arte), está particularmente bem adaptado a solos ácidos.

Poucas espécies do género *Diospyros* são cultivados para a produção comercial de frutos comestíveis, encontrando-se entre estas o *D. Kaki*, o *D. Lotus* e o *D. Virginiana* muito bem adaptados às zonas temperadas. Ainda que sejam *D. Kaki* a grande maioria das cultivares usadas nas plantações com fins comerciais, o *D. Lotus* e o *D. Virginiana* são de grande importância pelo interesse demonstrado como porta-enxerto.

(Continua no próximo número)

FÃO DE ANTIGAMENTE

NA SOCIEDADE E NO TRABALHO

Decorria o ano de 1908, quando foi editado o Guia Ilustrado de Esposende, abrangendo Fão e apúlia, as localidades de maior interesse social e de veraneio no litoral do concelho.

Sobre Fão, bem conhecida pela sua história, pela sua actividade no comércio e na indústria, escolhamos um texto, da autoria de Joaquim Leitão, o editor e responsável do Guia Ilustrado.

O autor dá a ideia que chegou em diligência, atravessou a ponte metálica e diz: "É raro não se topar o cavemante de qualquer nave em construção... "estaleiros destronados pela navegação a vapor e reduziu a zero a sua indústria de construção naval, assim como a cordoaria e as marinhas de sal. Mas, em razão da forte corrente de emigração, o afastamento da gente mais válida e o consequente despovoamento de Fão, "Torna a terra de mulheres e de velhos, houve que resignar-se a viver da exportação de braços, tendo aterrado com centenas, milhares de vidas, devoradas pelo Minotauro da emigração, o pântano da sua crise".

"Filhos do trabalho, terra de poucas fidalguias, embora antiga, mostrando apenas um palacete brazonado, o da família Vila Chã que forma uma das esquinas da Avenida Manoel Paes - a fronteira limitando-a o prédio muito regular do Clube Fãoense, - não parece uma freguesia rural..."

"Terror dos navegantes da nossa costa que se temem dos Cavallos de Fão - penhascos que aguçam a dentuça numa fila de norte a sul - Fão é, todavia, para quem passeia os seus arruamentos, um assombro e um exemplo sympathico do que pode ser Portugal quando os portugueses, em vez de procurarem empregos e venderem o voto em troca d'estradas ou de fontenários, se resolverem a ganhar nas profissões liberaes o pão de cada dia e a aproveitar o seu tempo e a sua força de vontade, desprezando a política e amando as obras levantadas por sua mão e sua bolsa, no que sempre hão de gastar menos do que na vinhaça das eleições com que os poçíticos se pagam d'aquilo que o contribuinte já pagou e o Estado jámais entrega".

Sobre o casario e a paisagem, sem esquecer a Senhora da Bonança (as ruínas do Facho), disse: "Dona de casas magníficas, residencias palacêgas, solidas e vastas, já sem açudes que lhe forneçam energias gratuitas, Fão dispõe pela margem, no favor da brisa, moinhosinhos de vento que lhe dão uma candura d'apontamento de tela desenhada por creança para brinde filial".

"Ao pé das velas, em risco de as crestar com o seu hálito ardente, fórnos de cal, uma das industrias do logar".

"E, no meio da gramma viçosa e verde, o campo santo, cidade morta de faustoso arquitecto na cidade viva".

"Do zimborio do Hospital, para poente, sobranceiro ao mar, entre tristezas de pinhal e solidão d'areias, Nossa Senhora da Bonança ampara, no seu pallio de fé, os que perigam no mar. Está visto Fão", arrematou Joaquim Leitão. Porém, sobre Fão, teremos oportunidade de transcrever algumas informações relativas a 1908, sobretudo, quando da inauguração do Hospital Asilo S. João de Deus, um edificio novo e moderno, com o volume máximo permitido de 60 m3.

ARTUR L. COSTA



Esta fotografia tem algumas dezenas de anos. Reconhecem-se na mesma Manuel Ferreira (Nélia), cremos que o Pieira (cremos), o Samuel de Esposende e o Prof. Elias (cremos) que felizmente estão vivos. Os outros são (em baixo) dr. Sampaio e Castro, João Carteiro, Pinheiro Borda, Antonino Borda e Albino Cardoso Torres. Mais acima (no meio): Xico Glória, Porfírio, de Esposende, Albino Torres, Xico Nóvoa, cremos que o Prof. Mário Ramiro. Mas acima: Celestino Pires, Agonia Pereira, Sarg. Júlio, Manuel Ferreira e dr. Alceu.

FUTEBOL

No campo Artur Sobral, na terça-feira de Carnaval, o Clube Futebol de Fão recebeu a visita do Vila Verde f. C. para disputar os quartos de final da Taça da Associação de Futebol de Braga.

O Fão marcou logo aos 20 minutos e o Vila Verde, aos 80 empatou, chegando-se ao fim do tempo regulamentar com o empate a 1-1. Houve prolongamento de 30 minutos. O Fão dominou este prolongamento do jogo mas acabou por ficar reduzido a 10 elementos por lesão de Luís Pereira. O resultado, porém, não sofreu alteração pelo que houve necessidade de recorrer aos penaltis. Nesta modalidade os dois clubes ficaram empatados por 4-4- o que obrigou a segunda marcação saindo o Fão vencedor por um total de 8-7.

Foi uma grande partida de futebol que ditou a vitória da equipa que no campo mais lutou para ganhar a eliminatória.

FALTA DE LUZ

Desde há muito, aquela rua paralela à Serpa Pinto e que vai dar à Barrosa não tem uma lâmpada de modo que dá noite é uma grande escuridão. Já há ali casas e algum movimento.

Bem sabemos que agora, em Fão, não há quadrilhas de ladrões com o havia há uns anos atrás. Como diria o nosso amigo António Viana, agora em Fão nem isso há. De qualquer modo é desconfortante atravessá-la a pé. Sugerimos que a Junta lembre tal lacuna à EDP.

PELO HOSPITAL

Continuam as obras de remodelação do Hospital S. João de Deus. O rés-do-chão está praticamente terminado. Agora a Direcção planeia uma nova estrutura para a parte de cima onde vão ser gastos cerca de 12.000 contos. O estilo velho, à princípio do século, vai dar lugar ao estilo novo com quartos e casas de banho.

Como já informamos no último número, a Mesa da Santa Casa da Misericórdia reforçou o departamento dentário com a vinda de um novo clínico que é o dr. Paulo Miler, professor assistente da Faculdade de Medicina Dentária do Porto. O seu horário é às segundas e quartas a partir das 14 horas.



DOENTE

Continua internada no Hospital de Fão Otília Antunes Gomes que sofreu um acidente vascular-cerebral e que lhe paralizou a parte esquerda do corpo. O seu estado mantém-se estacionário pese muito embora o carinho de que tem sido rodeada.

NOVA LICENCIADA

Na Universidade Católica do Porto finalizou o curso de Direito a nossa conterrânea Carla Sofia Duarte de Sá Pereira.

Parabéns à nova doutora que estendemos aos babados papás, os nossos amigos Natália Sá Pereira e Júlio Sá Pereira.

PAIXÃO

*Em vez da sensação de aniversário,
Plantaram um pomar-tiranicida!
Trouxeram o funéreo de Calvário,
A noite da ilusão, onda dorida!...*

*Deram-Te, Senhor, sol avinagrado,
Cheio de antipoema e de granizo!
A névoa, a cobardia e o atentado
Foram cruéis no fel do prejuízo!*

*Roeram a grandeza da Canção,
A Ternura de um Deus de maravilha!
Nasceu, na Tua morte, a Redenção:
O longe fez-se perto - uma só ilha!...*

VALE FERREIRA

FALECIMENTO

No início deste mês faleceu com 90 anos de idade, a nossa conterrânea Cordelina Gonçalves Moledo que se encontrava internada no Lar.

À família enlutada apresentamos os nossos pêsames.

PENAS DOBRADAS

*Minhas penas fui contar
Aquele meu grande amigo;
As minhas não vi chorar...
Mas as suas - nem vos digo!...*

*Fui chorar as minhas penas
À vizinha do meu lado;
Não sendo as suas pequenas,
Ela às minhas deu cuidado.*

FLORINDA DE ALMEIDA

**Se és bairrista
utiliza o banco local**

**Se és bairrista
usa o Correio da terra**

**Se és bairrista
faz as compras em Fão**

O DIA DOS MORTOS

(Continuado da pág. 7)

NOTA DA REDACÇÃO:

Excepcionalmente a Redacção deste jornal deixa passar este artigo que faz a propaganda de uma religião. O nosso jornal é por definição dos seus estatutos, arreligioso e apolítico.

Respeitamos todas as religiões (não seitas) e políticas mas não apoiamos nenhuma. Por culpa nossa abrimos algumas fendas quer na parede política quer na parede religiosa. Os resultados não se fizeram esperar. Recebemos cartas a insultarem-nos... de pessoas que, olhando-se para elas, parece que não partem um vidro. São a expressão da delicadeza. O pior é quando se desvanece o verniz.

Perdemos o sponsor da Página Jovem. E agora vem o nosso querido amigo Amândio Caramalho fazer a sua profissão de fé.

Falar, em termos de descrição, da política ou da religião, pode ser. Terçar armas por uma delas, não.

PIZZERIA - CREPERIA - GELATARIA

One Way

TAKE AWAY - ENTREGA GRATUITA AO DOMICÍLIO - ENTREGA EM 30 MINUTOS

Rua Vasco da Gama, Loja 11 R/C Esq. Trás
4740 ESPOSENDE - TELEF. (053) 961566

O NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Rosália Oliveira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
José Maria Machado do Vale
Florinda de Almeida

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 - Fão
Telefones 961475

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII - Telef. 684318
PÓVOA DE VARZIM

Assinaturas de "O NOVO FANGUEIRO"
Anual..... 1000\$00

A cobrança de "O Novo Fangeiro" através dos Correios será por conta do assinante.



Optica

Oliveira

Aleixo Ferreira, L.^{da}

**Gabinete
de Optometria
e Contactologia**

Rua da Misericórdia, 4-6
Tel. 75777 - Fax 71161 - 4700 BRAGA

UMA CAMPEÃ FANGUEIRA



Chama-se Maria Antónia Cubelo Morais Pereira, tem 12 anos, está no sétimo ano de escolaridade e é campeã de natação. Uma campeã fangueira?... Bem quanto ao ser fangueira tem que se lhe diga. É que ela nasceu em Barcelos acidentalmente, uma vez que reside no Porto, frequenta as aulas na cidade invicta e pratica natação no estádio das Antas, ou mais rigorosamente, junto ao estádio. Mas também é moradora em Fão (fins de semana e todas as férias) e tem costela fangueira pois é filha de uma fangueira 110%.

Quando assim é torna-se difícil classificá-la.

"Mas eu sou fangueira", apressa-se a nossa entrevistada a dizer. "É fangueira, sim, senhor", remata a "mãe coruja".

E quando assim é, mãe e filha a dizer e a botar p'ró mesmo, há que agarrá-la e considerá-la como tal, isto é, como fangueira. Havia que conhecer a vontade do papá, mas aqui não há cócegas. Até porque quando se casa com mulher fangueira, em questões de regionalismo e quejandos, há que aceitar a vontade da *mater familiae*.

Mas nós ainda não revelamos exactamente em que ramo a nossa conterrânea é campeã.

"Sou campeã nacional de natação" nos 200 metros livres de Inverno e nos 800 metros livres de Verão, na classe de infantis.

Ser estudante e atleta é uma coisa que nos nossos dias se torna difícil. E isto porque as vitórias surgem em função das horas de treino praticadas e já se sabe que quem não treinar muito será campeão de nada. A atleta para já consegue conciliar horas de treino com horas de estudo. Diz-nos ela: "Para já consigo fazer as duas coisas". Treino seis dias por semana, das cinco e meia às 8,5 da tarde. Mas não é tudo. Há dois dias semanais em que treino também duas horas de manhã, a principiar às 6,30 até às 8,30 horas. Nesses dias levanto-me às seis e volto a casa às 9 da noite.

E os papás como se portam? Devem também debater-se com o inevitável dilema: treinos ou estudo?

"Os meus pais ajudam-me e acarinham-me. Quando tenho provas fora, o meu pai leva-me e nos dias que tenho treinos de manhã é ele que me conduz até às Antas."

Como nasce um campeão, neste caso uma campeã? Já nascem predestinados?

"No meu caso comecei a frequentar as escolas das Antas aos quatro anos. os meus pais puseram-me lá e eu lá fui praticando. Por volta dos sete, oito anos, se revelarmos jeito, passamos a atletas e tomamos parte em provas. Assim aconteceu comigo. Depois fui aumentando as horas de treino e comecei a ganhar provas. Neste momento sou campeã dos 200 e 800 metros livres".

Até quando? Para já não há uma opção radical. Tanto os pais como a própria atleta não sabem responder peremptoriamente. Um tanto fantásticamente respondem; "O futuro a Deus pertence". Actualmente poucos atletas ou muito poucos mesmo conseguem formar-se. Para se ser atleta de alta competição têm que se enveredar pelo profissionalismo, isto se se pretende ser campeão. Quem diz natação, diz canoagem, diz futebol, diz outra modalidade qualquer. A base das vitórias está nas horas de treino. Curiosa ou cinicamente é nas escolas que se conseguem recolher material humano para competir. Mais tarde será a escola quem vai condicionar ou estancar essas vocações promissoras. E daqui não podemos sair. a certa altura treinos e estudos tornam-se incompatíveis: Ou, ou. E então há que escolher.

PELO MUSEU

O Museu Municipal de Esposende apresenta a Agenda de actividades para os meses de Fevereiro e Março.

1. Exposição "DO PALEOLÍTICO AOS NOSSOS DIAS"

Colecção Permanente do Museu. itinerário histórico.arqueológico do concelho, desde os tempos mais remotos à actualidade.

No 2.º Andar, Até 31 de Dezembro

2. Exposição "ESPOSENDE - O CONCELHO EM VISITA"

Mostra etnográfica sobre tradições e os usos e costumes das freguesias, ponto de partida para um convite a uma visita mais demorada ao concelho através das incursões ano terreno.

No 1.º Andar. Até 31 de Março.

3.º Exposição "BONECAS DE PORCELANA - REFÚGIOS DE MENINICE"

Exposição Temporária. Colecção de Maria Assunção Sousa Louro. Bonecas de finais do Séc. XIX e primeira metade do nosso século.

De 21 de Fevereiro a 21 de Março.

OUTRAS NOTÍCIAS

POSTE EM SITUAÇÃO PERIGOSA

Na Avenida S. Januário, junta à Pãpã um poste de electricidade apresenta-se pouco seguro. Abana facilmente ao mais pequeno encosto. Antes que seja tarde, convinha reforçar o seu escoramento ou substituí-lo. Antes que seja tarde, insistimos.

OBRAS

Na Rua Azevedo Coutinho continuam as obras de pavimentação. Ao que nos disseram, a filosofia ou a tendência que está a ser seguida é ampliar os passeios e diminuir a largura da rua. Deve estar a ensaiar-se o sentido único na referida artéria. Será melhor ou pior para o comércio local? Logo veremos.

SEMÁFOROS

São mais que precisos uns semáforos na Avenida S. Januário, na ligação desta artéria com a avenida da praia

E já que estamos com a mão em sinais luminosos, lembramos que outro conjunto de semáforos podia ser instalado, ainda na Avenida S. Januário, ou estrada nacional n.º 13, na sua ligação com a estrada da Bonança (cap. Larcher). Não se esqueça que nessa zona já tem morrido gente.

- E já que falamos de arranjos, perguntamos ou solicitamos ou chamamos a atenção da Junta para o estado pouco higiénico da rampa das Rodas.

Aquilo está a merecer uma vassoira pois parece ou antes, está transformada numa grande lixeira.

OBRAS NAS PEDREIRAS

Continuam aceleradas as obras de construção de casas no Caldeirão, ou no bairro do Caldeirão. O problema é o saneamento que ainda lá não chegou. Tem-se feito umas fossas que já encheram, de modo que os líquidos e as massas pestilentas vieram ao de cima e estão a ser encaminhadas para um regueiro que dá directamente para o rio. É de extrema e evidente importância que o saneamento vá até àqueles lados e ponha cobro a toda aquela indecência a céu aberto.

PONTE NOVA

Fez-se uma ponte nova no Caldeirão com certeza para melhorar o trânsito na ponte velha. E depois? A ponte está feita, até já funcionou, mas agora está encerrada ao público. Até quando?